

ASSESSORIA EM ESTIMULAÇÃO PRECOCE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA INTERVENÇÃO A TEMPO

*Andrea Domingues Kuplich¹
Jaqueline Inês de Lemos²*

RESUMO

Este artigo relata a mediação do serviço de assessoria em Estimulação Precoce (EP), junto à equipe pedagógica de uma escola de Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino de Novo Hamburgo (RME-NH). A demanda partiu de uma solicitação das professoras que cuidavam de um bebê que apresentou especificidades no processo do desenvolvimento infantil. Tal solicitação movimentou a equipe pedagógica da escola em buscar o Núcleo de Apoio Pedagógico da Secretaria Municipal de Educação (NAP/SMED). Essa demanda, mesmo não elencada na faixa etária vigente para algum atendimento especializado no NAP/SMED, foi considerada relevante e pertinente ao serviço na modalidade de assessoria. Após assistir a demanda das professoras, orientações foram realizadas à equipe pedagógica, a qual coube direcionar a família em levar o bebê à consulta pediátrica e ao atendimento em Estimulação Precoce. Descartada a existência de algum problema orgânico e/ou neurológico e considerando que após oito meses a criança adquiriu a marcha autônoma, os desdobramentos da assessoria nos fez indagar sobre: *O que de fato estava obstaculizando o desenvolvimento integral de Alfa?* Esse questionamento resultou em um estudo de caso, por suscitar a importância do olhar e da escuta às professoras e à equipe pedagógica frente às interfaces que envolvem o desenvolvimento infantil. Concluímos que o serviço de assessoria em Estimulação Precoce é uma das formas de intervenção a tempo e configura-se como um importante aliado na detecção, intervenção e prevenção dos riscos do desenvolvimento infantil.

Palavras-chave: Educação infantil; Desenvolvimento infantil; Assessoria.

1 Especialista em Psicopedagogia Institucional (Castelo Branco), Especialista em Estimulação Precoce e Assessoria (SOGIPA). E-mail: andreakuplich@novohamburgo.rs.gov.br. Professora da Rede Municipal de Ensino de Novo Hamburgo, lotada no Núcleo de Apoio Pedagógico (NAP/SMED-NH), RS, Brasil.

2 Especialista em Psicomotricidade (FEEVALE), Especialista em Estimulação Precoce e Assessoria (SOGIPA). E-mail: Jaqueline Ines de Lemos jaquelinelemos@novohamburgo.rs.gov.br. Professora da Rede Municipal de Ensino de Novo Hamburgo, lotada no Núcleo de Apoio Pedagógico (NAP/SMED-NH), RS, Brasil.

INTRODUÇÃO

Este artigo é resultado de um estudo de caso que teve como ponto de partida o encaminhamento de uma ficha de atendimento direcionada ao Núcleo de Apoio Pedagógico da Secretaria Municipal de Educação de Novo Hamburgo (NAP/SMED-NH), em julho de 2017, com a demanda de atendimento para um bebê³ do sexo feminino, na época com 14 meses.

Para os fins deste artigo, o bebê abordado na escrita será identificado pelo pseudônimo de Alfa, bem como será preservada a identificação da escola de Educação Infantil na qual está matriculado. Na ficha de encaminhamento constava que Alfa não rastejava, não engatinhava e nem fazia menção de virar-se ou deslocar-se em direção a algum estímulo oferecido, assim como não se firmava nos membros inferiores. Na ocasião, a escola estava preocupada com Alfa, pois apresentava um desenvolvimento motor aquém do esperado para a faixa etária.

Devido aos critérios de atendimento do NAP/SMED-NH ser direcionado para crianças a partir dos três anos de idade, Alfa não estaria em idade vigente para o acolhimento em algum atendimento especializado. Considerando tal critério, essa premissa permitiu o acolhimento da ficha de encaminhamento em termos de assessoria, com o propósito de assistir Alfa e dialogar com a escola sobre outras possibilidades de averiguação e outros encaminhamentos para espaços médicos-terapêuticos que suprissem os serviços de acordo com as necessidades do bebê.

A equipe pedagógica da escola de Educação Infantil, após receber o relatório da assessoria, conversou com os pais de Alfa na intenção de orientá-los a buscarem os serviços de pediatria e EP como meios de ajudar a filha no desenvolvimento motor. No prazo de uma semana, Alfa iniciou o atendimento em Estimulação Precoce na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Novo Hamburgo (APAE/NH) e buscou a consulta pediátrica na Unidade Básica de Saúde do bairro (UBS). A frequência ao atendimento em EP ficou estipulado pela instituição em uma vez na semana com trinta minutos de sessão.

Após oito meses de atendimento em EP, Alfa começou a ensaiar seus primeiros passos e a partir de julho de 2018 começou a caminhar com autonomia. Em agosto do mesmo ano, Alfa concluiu um ano de atendimento correspondendo a demanda inicial para o estabelecimento da marcha autônoma. No entanto, a equipe interdisciplinar da APAE/NH sugeriu a continuidade do atendimento para a criança⁴ na especialidade da Psicologia. A solicitação de permanência no serviço ocorreu devido às fragilidades percebidas na relação da mãe com a filha.

A IMPORTÂNCIA DO OLHAR E DO INTERROGAR DO PROFESSOR

Com os professores da Educação Infantil, os bebês e as crianças bem pequenas se alimentam, escovam os dentes, dormem, brincam, dão seus primeiros passos,

3 Conforme BNCC (BRASIL, 2017, p.42), faixa etária correspondente do zero aos 18 meses.

4 Conforme BNCC (BRASIL, 2017, p. 42), faixa etária correspondente de 1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses como criança bem pequena; e de 4 anos a 5 anos e 11 meses para criança pequena.

tiram as fraldas, dizem suas primeiras palavras. Manejos e ações que geram alegria e satisfação aos professores, nos cuidados e nos processos pedagógicos. Observa-se que o que traz inquietação ao professor é quando uma criança bem pequena apresenta algum transtorno do desenvolvimento ou encontra-se em atraso de algum aspecto instrumental⁵ do desenvolvimento infantil. Em tais situações, é imprescindível que os professores interroguem-se acerca desse bebê ou dessa criança e busquem orientações junto a equipe pedagógica da escola. O interrogar-se do professor sobre o que fazer com um bebê que se mostra em atraso, ou que apresenta um transtorno do desenvolvimento, possibilita uma intervenção a tempo na vida de um sujeito.

O serviço do NAP/SMED-NH, atualmente, não contempla o atendimento em EP, mas oportuniza a assessoria pedagógica, cumprindo com uma das suas atribuições enquanto Centro de Atendimento Educacional Especializado⁶. À luz dessa atribuição, a assessoria foi realizada com a professora de referência, sob a aprovação da direção da escola de Educação Infantil. O encaminhamento de Alfa para a APAE/NH ocorreu pelo intermédio da equipe pedagógica ao direcionar e sensibilizar os pais para levarem a filha ao atendimento especializado em EP e às consultas médicas-pediátricas.

DESENVOLVIMENTO INFANTIL: ASPECTOS ESTRUTURAIS E INSTRUMENTAIS

Considerando que Alfa adquiriu a autonomia dos deslocamentos motores e seus exames orgânicos não apontaram deficiências, ou seja, os aspectos estruturais⁷ do aparelho orgânico estavam preservados, percebemos que o que estava em xeque no bebê referia-se ao aspecto estrutural na ordem do aparelho psíquico e suas estruturas subjetiva e cognitiva. A observação realizada de Alfa centralizou-se no sujeito, que no ato psicomotor, foi colocado em cena. O que despertou a seguinte indagação: *O que de fato estava obstaculizando o desenvolvimento integral de Alfa?*

Segundo Levin (1997, p. 24), “não há desenvolvimento possível sem uma estrutura que o origina e o sustenta”. Para desenvolver o que está estagnado no corpo, é necessário que nasça o sujeito, o que supõe uma inscrição do Outro Primordial⁸, nesse caso a mãe. Quando um bebê nasce, este faz diferentes movimentos: que são os reflexos arcaicos, movimentos espásticos, movimentos espontâneos e movimentos automáticos. À medida que ocorre o desenvolvimento psicomotor da criança, os movimentos de reflexos arcaicos vão desaparecendo. Conforme o autor, esses reflexos arcaicos desaparecem ou silenciam e retornam diferentes, como intencionais ou voluntários. No intervalo do reflexo arcaico e o movimento voluntário é que o Outro Primordial produz uma inscrição, uma marca ou um traço.

5 São ferramentas das quais o sujeito se vale para efetuar intercâmbios com o meio, bem como aceder aos processos de desenvolvimento na construção do mundo e de si mesmo. O conceito será desenvolvido ao longo do texto.

6 A articulação pedagógica entre os professores do NAP/SMED-NH e os professores das classes comuns de ensino regular. Critério previsto no Projeto Político Pedagógico, conforme item VI da NOTA TÉCNICA Nº 055 / 2013 / MEC / SECADI / DPEE.

7 Aspectos estruturais são elementos fundamentais a conquista humana: o biológico, o sujeito psíquico e o cognitivo. O conceito será desenvolvido ao longo do texto.

8 Lugar onde a psicanálise situa, além do parceiro imaginário, aquilo que, anterior e exterior ao sujeito, não obstante o determina. Aquele que exerce a função materna e inscreve marcas, identificações e investimentos. (CHEMAMA, 1995, p. 156-157)

Todavia, o corpo humano depende para a sua subsistência de um Outro Primordial. A criança quando nasce é imatura. Cabe ao Outro apresentar o corpo ao bebê e inseri-lo numa rede de significantes para que a posteriori constitua um corpo subjetivado. O Outro vai criando nesse puro corpo: buracos, bordas, protuberâncias. Tatuando deste modo um mapa corporal, produto do desejo do Outro que o erogeneiza, pulsionaliza. Interações que criarão uma falta no corpo, uma maneira, uma forma de que lhe falte algo. Estas faltas primordiais geram uma queda deste corpo coisa, carne, puro real, que ao cair reencontra-se sujeito ao Outro. Estas marcas, estes modos de que falte algo no corpo, transformam-no num corpo erógeno e simbólico.

Para falar do desenvolvimento infantil, faz-se necessário distinguir as articulações que constituem um sujeito e os instrumentos dos quais esse sujeito se vale para realizar os intercâmbios com o meio.

É somente pela estrutura que se constitui um sujeito e o corpo se constrói dando espaço ao desenvolvimento da criança, que constitui-se em aspectos estruturais e aspectos instrumentais. (CORIAT; JERUSALINSKY, 1996, p. 8)

Segundo Coriat e Jerusalinsky (1996, p.9), “os aspectos estruturais são o aparelho biológico, especialmente o sistema nervoso central, o sujeito psíquico e o sujeito cognitivo como um sistema diferenciado dentro do psíquico.” No entanto, foi a partir dos aspectos instrumentais: psicomotricidade e, atualmente, a linguagem e o brincar que apontaram a vulnerabilidade na estrutura psíquica de Alfa. Para além do atraso motor, também se observou um atraso na linguagem e no brincar com os outros colegas.

Os aspectos instrumentais são ferramentas das quais o sujeito se vale para efetuar intercâmbios com o meio, bem como para aceder aos processos do desenvolvimento. De acordo com Coriat e Jerusalinsky (1996), pode-se dizer que estas ferramentas facilitam a construção do mundo e de si mesmo, embora sua ausência ou déficit não impeçam de estruturar uma pessoa, mas ocasionam transtornos e/ou atrasos às vezes importantes. Psicomotricidade, linguagem, aprendizagem, hábitos da vida diária, jogos e brincadeiras e processos de socialização são instrumentos para expressar, dizer, experimentar, intercambiar, regular, averiguar, entender, ou seja, para realizar tudo aquilo que o sujeito demanda desde cedo em sua estruturação.

Ao levar em consideração esses aspectos do desenvolvimento infantil, percebemos que houve algo na relação entre a mãe e Alfa que nos inquietou, pois se tratava de um bebê em constituição e que o processo dessa constituição apontava fragilidades. O Outro Primordial, que é encarnado pela mãe ou quem cumpre esta função, é quem interpreta como fome, frio, desconforto, os gritos do bebê, atribuindo significantes a essas produções que chegam como imperativas à mãe. Observa-se com isso, que o bebê fica totalmente dependente dos cuidados deste Outro Primordial, o que define uma “situação de assimetria do bebê humano em relação ao seu semelhante” (YAÑEZ, 1998. p. 23 apud BLEISCHMAR, 1995. p. 32). Quem cumpre a função materna tem a função de desejar e estimular uma demanda que romperá com as necessidades do bebê, significando suas produções,

assim como inscrevendo um mapa corporal; no entanto, é quem deve interrogar-se sobre as mesmas, supondo que não sabe tudo. Cabe, também, à função materna a identificação especular, durante o qual o bebê faz a conquista de seu próprio corpo, caindo o corpo esfacelado para promover “a unidade de corpo próprio” (DOR, 1989. p. 79).

O atendimento em EP, compreende o sujeito com seu potencial e aposta nesta relação com o Outro Primordial, atuando segundo Vygotsky (1994) na zona de desenvolvimento proximal, fazendo a mediação para que as aprendizagens ocorram.

[...] aquilo que é a zona de desenvolvimento proximal hoje, será o nível de desenvolvimento real amanhã – ou seja, aquilo que uma criança pode fazer com assistência hoje, ela será capaz de fazer sozinha amanhã. (VYGOTSKY, 1994, p. 113)

Nesse sentido, a escola pode mediar tanto a função materna, para auxiliar e contribuir na estruturação psíquica dos bebês e das crianças, como a função paterna. A função paterna impede a relação dual entre mãe e filho, em que o imaginário do ser alienado ao desejo da mãe é impedido pela entrada de um terceiro (pai, avós, tios, escola). Através desse limite, impede uma forma de satisfação, mas ao mesmo tempo introduz o sujeito no mundo do desejo, porque abre espaço para a falta, desmontando a posição de completude. O bebê descola de sua posição de objeto de desejo da mãe e passa a ocupar, dentro da ordem simbólica, um lugar como sujeito desejante. Essa ruptura (castração) representa a Lei estruturada e estruturante para a constituição psíquica, que é introduzida pela ausência da mãe.

METODOLOGIA

O estudo de caso teve como alicerce metodológico os modelos de atendimento propostos por Teperman (2005, p. 20), os quais estão formulados a partir do referencial psicanalítico. Para este estudo de caso, utilizou-se o Método Esther Bick que consiste em observar e fazer registros, procurando descrever as condutas de Alfa e da professora de referência. Para a realização desse estudo, obteve-se a autorização da família do bebê e da direção da escola. A fase de observação ocorreu em dois momentos distintos, a saber:

- Primeira Observação: Averiguação dos reflexos sob o ponto de vista da maturação psicomotora; realizou-se em dois momentos distintos em agosto de 2017.
- Segunda Observação: Filmagem de Alfa na relação com as professoras da turma, espaço, colegas e objetos; realizou-se em agosto de 2018.

Segundo Teperman (2005), ao observar uma criança que apresenta algum atraso ou transtorno no desenvolvimento, o processo sempre deve ser de receptividade, não-intervenção, isenção de expectativas e julgamentos. O assessor deve apenas estar atento na ressonância afetiva das cenas estabelecidas do professor com o bebê ou com a criança e/ou com os pais. Não cabe ao assessor fazer qualquer tipo

de aconselhamento aos responsáveis pelo bebê ou criança. A observação terá como fim orientar a equipe pedagógica da escola para aproximar-se mais dos pais e a eles direcionar as possibilidades de intervenções terapêuticas necessárias. Assessorar uma demanda da escola sobre um bebê ou criança que apresenta atraso ou transtorno no desenvolvimento infantil é comprometer-se com um posicionamento ético, pois, para assessorar, necessita observar o bebê ou a criança em cena, registrando as condutas dela, do professor e dos pais quando necessário.

DISCUSSÃO DA ASSESSORIA

Ao levar em consideração os aspectos do desenvolvimento infantil, percebemos que algo na relação entre a mãe e Alfa nos inquietou, pois se tratava do devir de um bebê em constituição e que o processo dessa constituição apontava fragilidades. Podemos pensar que o Imaginário⁹ desse bebê talvez não tenha sido investido de desejo pelo Outro Primordial, uma vez que a mãe de Alfa tem um histórico de vida de abandono (emocional e físico), podendo refletir na falta ou nas marcas simbólicas inexpressivas para as necessidades da filha.

Dado que o sintoma de estrutura de um bebê e de uma pequena criança não está decidido, mas radicalmente sustentado por aqueles que encarnam o Outro para o bebê, perdas, ou alterações abruptas em tal laço com o Outro podem vir a ter efeitos de queda no modo de funcionamento psíquico que vinha se produzindo no bebê. (JERUSALINSKY, 2002 p. 248)

O baixo investimento libidinal, não enlaçado no Circuito Pulsional¹⁰ pode conter o enigma transgeracional que atravessa a mãe de Alfa ao lidar com a maternagem. A mãe fez a marca, porém a Filiação¹¹ foi incipiente. Eis que surge a necessidade de se trabalhar potencialmente essa mãe descortinando o fantasma¹² materno. Não se trata de julgar, mas aprender e refletir sobre o que acontece, como acontece e quais os efeitos estruturantes ou não que se produzem no desenvolvimento dos bebês e das crianças, a partir da relação com aquele que exerce a função materna, e auxiliarmos na relação da díade.

A dialética do desejo se realiza num circuito no qual o *infans* se vê totalizado num “outro” que o espelha; completude imaginária que contrasta com a imaturidade que de, seu próprio corpo, percebe. Assim para manter este ideal de si mesma, a criatura deseja o desejo da mãe. É em consequência disto que o lugar simbólico da mãe revela a dimensão do poder do Outro da primeira dependência. Este poder opera marcando no corpo do filho (o início fundamentalmente nos níveis visual e oral) a direcionalidade da pulsão para o encontro com o objeto de desejo: o rosto e o peito, e suas substituições. (JERUSALINSKY, 2014, p. 73)

9 Categoria do conjunto terminológico elaborado por J. Lacan, real, simbólico e imaginário, constituindo o registro do engodo e da identificação. (CHEMAMA, 1995, p.104-105)

10 Conforme Laznik (2004) o circuito pulsional se refere aos três tempos da pulsão estabelecidos por Freud: Primeiro tempo (Ativo – quando o bebê vai em busca do objeto oral para dele apoderar-se), Segundo tempo (Reflexivo - quando o bebê torna como objeto uma parte do próprio corpo, tem uma ação auto-erótica) e Terceiro tempo (Passivo - quando o bebê se faz ele mesmo o objeto de um outro, quando se oferece ao outro).

11 Diz respeito a como o sujeito se situa na cadeia geracional em relação à transmissão de um nome e de uma herança simbólica, ou seja, a capacidade de o sujeito se historiar a partir de marcas simbólicas deixadas pelo Outro Primário.

12 Conceito psicanalítico, primeiramente estudado por Freud (1897) e mais tarde por J. Lacan (1956-1957). Parte da produção imaginária psíquica mais ou menos consciente do sujeito; vida imaginária do sujeito e a maneira como este representa para si mesmo a sua história, a sua origem. Lacan representa o fantasma por uma superfície que inclui as diversas representações do eu, do outro imaginário, da mãe originária, do ideal do eu e do objeto. (CHEMAMA, 1995, p.70-72)

Refletindo sobre o desenvolvimento psíquico, o estudo nos fez pensar que esta suposição de sujeito possa ter sido pouco articulada, ou para essa mãe os sinais podem não ter sido lidos como algo a ser dito, ou serem por ela interpretados como algo do bebê. Talvez, a matriz simbólica da mãe de Alfa se colocou em cena de forma pouco satisfatória, deixando Alfa a margem do vir a ser.

Nesse sentido, podemos supor que o estabelecimento da demanda, na qual a mãe de Alfa traduziria as ações de sua filha, podem ter sido pouco eficazes, ou pouco expressivas para as necessidades do bebê. Jerusalinsky (2002, p. 251) postula que “a presença e ausência são tomadas em sua dimensão psíquica e não física.”

O Circuito Pulsional pode ter se colocado de forma incipiente, pois quando Alfa foi convocada pelas professoras para que brincasse e interagisse com diferentes propostas, com objetos ou na interação com algum colega, houve passividade corporal, seguida de desistência. Fato que nos fez perceber pouca energia no lugar da infância de Alfa e no brincar, que ainda não lhe convoca para a cena da pulsão de vida¹³. O brincar junto aos colegas, pode contribuir para a alternância da demanda e a alterização, uma vez que Alfa seja indagada e inserida no campo das experiências para que sinalize as suas demandas. Alfa recuou diante das propostas da professora de referência, ainda que de forma reativa. Nesse ponto, coube às professoras estarem atentas as sutilezas de interesses e respostas que Alfa pudesse construir no ambiente da sala de convivência.

Pensamos que o Outro Primordial tenha traduzido restritas ações de Alfa, ofertando assim poucas possibilidades para que ela demandasse algo. Há de se pensar que talvez a ausência tenha sido muito articulada, em detrimento da presença, podendo o bebê ter cansado, desistido de buscar, posto que não foi lido e interpretado.

Nesse sentido, a escola pode cumprir com o ato da função paterna, pois promoveu e oportunizou a alterização, quando se recusou aceitar que Alfa não se desenvolvesse em suas potencialidades (no engatinhar, caminhar e falar), assim produzindo um corte na forma incipiente da mãe se relacionar com a filha.

Alterização consiste em que o bebê fique referido, em suas reações e manifestações, não a seu próprio corpo, mas a uma ordem simbólica. Ele não fica situado apenas em um circuito de satisfação, mas em uma satisfação cujo circuito passa pelo Outro e, portanto, precisa, para poder operar, partir de certas condições que dependem da introdução de uma arbitrariedade do Outro. (JERUSALINSKY, 2002 p. 251)

Analisando a questão da demanda inicial em que Alfa ainda não engatinhava, do ponto de vista do funcionamento da função motora, em que coincidiria com o tempo do *Fort-da*¹⁴, o prazer de descobrir e dominar o outro, o corpo e o objeto, a alternância e coordenação de membros superiores e inferiores (*Fort-da*), este ato não pode ser visto apenas como uma simples ação motora e cognoscitiva, mas um acontecimento significativo dominando prazerosamente o fazer corporal. Alfa, entretanto, nos lançou

13 Faz parte do grupo de pulsões elaborado por Freud (1919) que se refere a carga energética que se situa na fronteira entre o mental e o somático, ou ainda, como representante psíquico dos estímulos que se originam dentro do organismo e alcançam a mente. Na teoria analítica, energia fundamental do sujeito, força necessária ao seu funcionamento, exercida em sua maior profundidade. (CHEMAMA, 1995, p. 177-181)

14 Brincadeira mencionada por Freud em *Mais-além do princípio de prazer* (1920/1996). Consiste em suportar a saída da mãe sem se opor a isso. A criança coloca em cena ativamente, com o desaparecimento e o retorno do seu brinquedo, o desaparecimento e retorno da mãe. A criança encena nesse jogo o que ela sofreu passivamente com a ajuda de objetos e reconhece seu próprio papel de objeto na relação com sua mãe. Dessa maneira a criança abre para si um caminho para poder ocupar, ela mesma, um papel de sujeito.

essa pista sobre a sua história ao apresentar um corpo imóvel, não cumprindo com uma função estruturante na conquista e exploração de um espaço e um tempo separador de sua mãe. Parece que Alfa sinalizou que a ruptura da relação especular com o Outro não pode ocorrer, porque o caminhar precisa da sustentação corporal, onde a presença do Outro é essencial, mas este Outro (a mãe) não lhe ofereceu estas possibilidades e revelou assim a falta de sustentação simbólica.

Dessa forma, Alfa avança ao ser atendida em EP, engatinha, caminha porém, ainda mostrou entraves no seu desenvolvimento, sendo posteriormente encaminhada para o atendimento psicológico: Alfa fala ao não falar.

Entendendo a função materna, como sustentação, ou *Holding*¹⁵ e a forma de articular os cuidados como manuseio, ou *Handling*¹⁶, no caso de Alfa, percebemos que houve uma importante fragilidade no exercício dessas funções, pois com certa precariedade ela foi levada em direção ao mundo de forma limitada, ou pouco expressiva. A dupla tradução talvez ocorreu de forma embrionária.

Na realização da segunda observação, Alfa ao ser convocada pela professora para dançar, aceitou a mão dessa, mas logo desistiu. Foi na direção do colo, como se fosse um “seio” para lhe acalantar. Se aquilo que a mãe não deu sentido cai, a fala não se coloca, porque houve uma falha na dupla tradução. A posteriori é imprescindível o ingresso do terceiro (nesse caso, a professora), que venha quebrar a completude imaginária desta relação dual e permitir a entrada do pai ou quem exerça a função paterna (nesse caso a professora).

A mãe (o Outro) apresenta o corpo e o mundo à criança e, por sua vez, a criança determina na mulher uma nova condição, sua posição de mãe. É a criança que ao ser nomeada como filho nomeia a essa como mãe. Para que isso ocorra, deve haver outro personagem: personagem paterno, que tem como qualidade, como função, a possibilidade de Nomeação, que afirma a falta na mãe. Por isso em torno do complexo de castração afirma-se o nome do pai, possibilidade paterna de nomear. (LEVIN, 1995, p. 53)

Dessa maneira, opera-se o corte na relação mãe-bebê, atravessado pela linguagem, que vai permitir ao bebê ou a criança constituir-se como sujeito e também possibilitar a sua entrada no registro simbólico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendemos que o serviço em assessoria é uma das formas de intervenção a tempo e configura-se como um importante aliado na detecção, intervenção e prevenção dos riscos do desenvolvimento infantil, através dos sinais de risco que podem acometer os bebês e as crianças.

Instrumentalizar a equipe pedagógica e os professores das escolas de Educação Infantil é um potente instrumento de intervenção e prevenção.

¹⁵ Segundo Abram (2000), *Holding* é um conceito de Winnicott que trata de uma função de “sustentação”, ou seja, a mãe instaura uma rotina de cuidados cotidianos que vão sustentar, não somente corporal, mas psicologicamente, a criança.

¹⁶ Segundo Abram (2000), *Handling* é um conceito de Winnicott que trata da função de “manipulação” do bebê enquanto ele é cuidado. É uma função que harmoniza a vida psíquica com o corpo e que o autor chama de “personalização”.

Percebemos, neste estudo de caso, que foram as professoras que habilmente identificaram que, no desenvolvimento de Alfa, algo não estava indo bem, e que conhecimentos para além do observado lhes faltava.

Emmi Pikler já havia verificado em suas pesquisas que intimidade e reciprocidade do adulto com o bebê tem um valor profundo no desenvolvimento integral da criança. Por esta razão, acreditava que o adulto devesse construir o mais alto grau de consciência sobre suas intervenções. (BRASIL, 2016, p. 297)

O endereçamento ao NAP/SMED-NH, convocou os profissionais envolvidos a buscarem uma direção e orientações necessárias à equipe pedagógica para que Alfa pudesse ser acolhida em um atendimento especializado. Alfa seguiu em atendimento, e entendemos a complexidade do caso, quando percebemos que não apenas os aspectos instrumentais apareceram como manifestações, ou sintomas possíveis de serem lidos, mas fundamentalmente um dos aspectos estruturais em xeque: a estrutura psíquica. Debruçamo-nos sobre o caso e nos inclinamos para melhor compreendermos as fragilidades que em tão tenra idade marcaram a história de vida e que nos indicaram os direcionamentos que Alfa e sua mãe, o Outro Primordial, demandavam.

Ainda que o atendimento em EP tenha sido desenvolvido por outra instituição, entendemos que a proposta de assessoria pode articular outras possibilidades e pode agregar, positivamente, o desenvolvimento de Alfa, nos aproximando dos professores e da equipe pedagógica da escola de Educação Infantil. O ganho dessa aproximação esteve em colaborar para que Alfa ascendesse as aquisições das habilidades e competências compatíveis a sua faixa etária conforme a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2017).

O serviço de assessoria lançou possibilidades e novos questionamentos, a saber: *Alfa de fato brinca? Ela o faz de forma espontânea, natural? O que as professoras observam nesse brincar? Há intervenções significativas que colaborem nos aspectos estruturais para Alfa? A abordagem da assessoria em EP oportuniza um trabalho em conjunto com propostas pedagógicas que auxiliem na leitura do brincar de Alfa como um discurso, como postula Mariotto (2009, p. 142): “Se não há brincar, um sujeito se cala”. A partir disso, pensamos na relevância das três brincadeiras estruturantes conceituadas por Jerusalinsky (1999), a saber: Jogo do *Fort-da*, do cai e não-cai e os jogos de borda. A importância do jogo *Fort-da* para Alfa: o aqui e lá, capturando na descontinuidade do significante, a imagem de si mesma vista ou não vista pelo Outro Primordial. O jogo de presença-ausência pode lançar Alfa para um universo mais rico de possibilidades e que contribuam para o seu desenvolvimento integral.*

Infinitas são as formas de intervenção e vastas são as possibilidades quando se possibilita um sujeito. Trata-se do olhar desejanter que os professores investem no bebê e na criança de um vir-a-ser. Inscrever marcas positivas através do seu discurso e fazer um enlace não apenas com o bebê, mas também com os pais.

Concluimos ressaltando como de fato é importante a assessoria na Educação Infantil, o olhar atento das professoras e a possibilidade dos espaços escolares e

pedagógicos oferecerem o serviço para bebês e crianças. Quanto mais cedo se detectarem os vestígios de um desencontro entre mãe ou quem cumpra a função materna e o bebê, mais cedo será possível intervir para o ENCONTRO dos mesmos e o advir de um sujeito.

REFERÊNCIAS

ABRAM, J. *A linguagem de Winnicott: dicionário das palavras e expressões utilizadas por Donald W. Winnicott*. Rio de Janeiro: Revinter, 2000.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: DF, 2017.

_____. *Nota Técnica nº 055, de 06 de maio de 2013*. Orientação à atuação dos Centros de AEE, na perspectiva da educação inclusiva. Brasília: DF, 2015.

CANCIAN, Viviane A; GALLINA, Simone F.S.; WESCHENFELDER, Noeli V. (Orgs). *Pedagogias das infâncias, crianças e docências na educação infantil*. [Santa Maria]: UFSM, Centro de Educação, Unidade de Educação Infantil Ipê Amarelo; [Brasília]: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2016. Disponível em: <<http://repositorio.usfm.br/handle/1/2310>> e <<http://academia.edu/30882083>>. Acesso em: 7 jul. 2019.

CHEMAMA, Roland. (Org.). *Dicionário de Psicanálise*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1995.

CORIAT, Lydia F. de. JERUSALINSKY, Alfredo N. *Aspectos estruturais e instrumentais do desenvolvimento*. Escritos da criança – Centro Lydia Coriat, Porto Alegre: n. 4, p. 6-12, 1996.

DOR, Joël. *Introdução a leitura de Lacan: o inconsciente estruturado como linguagem*. 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

FREUD, Sigmund. *Além do Princípio do Prazer*. v. XVIII, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

JERUSALINSKY, Alfredo. *Psicanálise e Desenvolvimento Infantil*. 2. ed. Porto Alegre: Artes e ofícios, 1999.

JERUSALINSKY, Julieta. *A Criação da criança: brincar, gozo e fala entre a mãe e bebê*. Salvador: Ágama, 2014.

_____. Julieta. *Enquanto o Futuro não vem: a Psicanálise na Clínica Interdisciplinar com bebês*. Salvador: Ágalma, 2002.

LAZNIK, Marie-Christine. *A voz da Sereia: o autismo e os impasses na constituição do sujeito*. Salvador. Editora: Ágalma, 2004.

LEVIN, Esteban. *A Clínica Psicomotora: o corpo na linguagem*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

_____, Esteban. *A infância em cena: constituição de sujeito e desenvolvimento psicomotor*. Petrópolis: Vozes, 1997.

MARIOTTO, Rosa M. M. *Cuidar, Educar e Prevenir: as funções da creche na subjetivação de bebês*. São Paulo: Editora Escuta, 2009.

TEPERMAN, Daniela W. *Clínica Psicanalítica com bebês: uma intervenção a tempo*. São Paulo: Casa do Psicólogo: Fapesp. 2005.

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

YAÑEZ, Zulema G. A Clínica frente às dificuldades de aprendizagem. *Escritos da Criança*, Centro Lydia Coriat, Porto Alegre: n. 5, p. 21-29, 1998.